

TAMBORES DE DANDARA: GÊNERO E EMPODERAMENTO FEMININO NA CAPOEIRA CEARENSE

SAMMIA CASTRO SILVA, LOURDES RAFAELLA SANTOS FLORÊNCIO, THAIDYS DA CONCEIÇÃO LIMA DO MONTE

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - Campus Aracati

monica.viegas@ifce.edu.br, angel-canoa@hotmail.com

DOI: 10.21439/conexoes.v13i5.1804

Resumo. A produção de conhecimento sobre a História da mulher na capoeira faz parte do debate sobre a perspectiva de equidade de gênero na sociedade brasileira e em práticas educativas. Dessa forma, a partir do solucionamento sobre quais desafios cingem a participação feminina na capoeira, especificamente na capoeira do século XXI, pretendemos promover aproximações epistemológicas entre gênero, cultura e educação. Portanto, o objetivo central desse estudo etnográfico é promover o debate sobre gênero e empoderamento feminino na capoeira e as possíveis implicações na produção de conhecimento. Para isso, nossa coleta de dados se insere no movimento feminino Tambores de Dandara, do Centro Cultural Capoeira Água de Beber- CECAB, através da promoção e registro de diálogos, ações e posicionamentos políticos. A temporalidade, cuja imersão no grupo se constituiu, ocorreu de 2012 a 2019. O processo de estruturação de um movimento feminino num grupo de capoeira advém de um esforço para superação de tabus entre as próprias mulheres, aumento da participação feminina através de um empoderamento que se mostra pela participação em situação de igualdade, ou seja, ministrando treinos, tocando instrumentos e participando ativamente das rodas. Portanto, compreendemos que o movimento feminino de capoeira no grupo estudado apresentou diversidade de opiniões quanto ao sentimento de pertença, constituindo espaço de diálogo interno que se mostra em permanente construção e expansão acerca dos seus ideais e propósitos.

Palavras-chave: Gênero. Empoderamento. Capoeira. Bens Culturais

DANDARA DRUMS: GENDER AND FEMALE EMPOWERMENT IN CEARENSE CAPOEIRA

Abstract. The production of knowledge about the history of women in capoeira is part of the debate about the perspective of gender equity in Brazilian society and educational practices. Thus, by solving the challenges surrounding female participation in capoeira, specifically in 21st century capoeira, we intend to promote epistemological approaches between gender, culture and education. Therefore, the main objective of this ethnographic study is to promote the debate about gender and female empowerment in capoeira and the possible implications for knowledge production. To this end, our data collection is part of the Tambores de Dandara women's movement of the Capoeira Água de Beber- CECAB Cultural Center, through the promotion and recording of dialogues, actions and political positions. The temporality, whose immersion in the group was constituted, occurred from 2012 to 2019. The process of structuring a female movement in a capoeira group stems from an effort to overcome taboos among women themselves, increasing female participation through empowerment that It shows itself by participating in an equal situation, that is, giving training, playing instruments and actively participating in the wheels. Therefore, we understand that the female movement of capoeira in the group studied presented diversity of opinions regarding the sense of belonging, constituting a space for internal dialogue that shows itself in permanent construction and expansion about its ideals and purposes.

Keywords: Gender. Empowerment. Capoeira. Cultural Patrimony.

1 INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade grega, é possível constatar o aspecto da exclusão do sexo feminino em atos políticos, econômicos e sociais (COULANGES, 1961). São centenas de anos de invisibilidade, opressão e violência, a exemplo do que ocorreu na Idade Média com o Manual da Inquisição, que lançou à fogueira milhares de mulheres. Posteriormente, à época do Renascimento, pode-se afirmar que houve ali o início de uma busca pela ressignificação do feminino. Um dos marcos iniciais de um processo de conscientização a favor de equidade de gênero na sociedade ocorreu à época da Revolução Francesa, com a produção simbólica da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã de 1791, por Olympe de Gouges. Essa declaração tinha caráter inclusivo, igualitário e previu a presença tanto de homens como de mulheres na sociedade e na política, de forma equilibrada e justa. Apesar da mesma não ter o valor legítimo que a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789 teve, observamos a partir daí uma série de atos de luta pela transformação da mentalidade que exclui as mulheres do exercício da cidadania (PERROT, 2013).

Atualmente, por mais que a nível legal homens e mulheres sejam considerados iguais em direitos, conforme versa a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, é necessário empreender para que a construção da autoestima e empoderamento da mulher possa reformular questões de poder intrínsecas a diferentes contextos socioculturais (HEFFEL; SILVA; LONDERO, 2016). Nesse estudo concordamos com Baquero (2012) ao repassar a noção de que empoderamento remota à autonomia e reflete uma capacidade de decidir, a nível individual e coletivo, em prol de melhorias nas condições de vida em que o sujeito ou grupo estão envolvidos. O termo tem proveniência no vocábulo inglês *empowerment*, utilizado a partir da reforma protestante e comumente atrelado aos discursos de reivindicações por direitos sociais do movimento feminista.

Fernandes et. all. (2016) sintetiza as quatro dimensões mais comuns atreladas ao *empowerment* feminino. Primeiramente está a dimensão econômica, que diz respeito à qualidade da independência financeira da mulher, prevendo cargos e rendas de forma igualitária ao gênero masculino e favorecendo a segunda dimensão, que é o empoderamento psicológico. Essa segunda dimensão se relaciona à capacidade de conscientização, autoconfiança, motivação, poder pessoal, autoestima e bem-estar. A terceira dimensão é a política e de grupo, que significa a busca pelo poder social, acontece com desenvolvimento do poder de decisão e com a tendência de se envolver nas discussões relacionadas à ideologia de gênero e sobre direitos na sociedade. Por conseguinte, está a dimensão familiar, que diz respeito tanto à tomada de decisão com relação ao aumento de membros da família como na capacidade de acesso a recursos e vantagens.

A quarta dimensão é a sociocultural ou educacional, a qual esse estudo possui maior rede de relações, visto que aqui procuramos refletir sobre acesso a espaços sociais e participações em grupos, redes sociais e as possíveis mudanças de normas. Concordamos que, por meio de práticas socioculturais e educacionais, as mulheres podem adquirir novos

valores, emancipando-se com o saber e com novas habilidades que geram autoconfiança. Portanto, o objetivo central desse estudo etnográfico é pesquisar sobre gênero e empoderamento feminino na capoeira e as possíveis implicações na produção de conhecimento. Sobre a presença da mulher capoeirista no Brasil, Leitão (2004) revela que existe um documento no Arquivo Nacional Brasileiro, de 1817 e 1819, em que narra a prisão de Joaquina Angola de João dos Fatos e a condenação de 300 açoites por estar cometendo delito de portar algo, denominado como estoque, na mão e também jogando capoeira. Porquanto a participação da mulher jogando a capoeira é averiguada ainda no início do século XIX.

O autor supracitado menciona também que somente a partir do século XX é que houve uma maior participação de mulheres capoeiristas na sociedade brasileira. Os nomes citados, contemporâneos à década de 1940 e 1950, são os seguintes: Nega Didi, Maria Homem, Satanás, Maria para o bonde, Calça Rala e a tenista campeã brasileira Lucy Maia, treinada pelo Mestre Artur Emídio de Oliveira na década de 1950. Material jornalístico, fotografias, vídeos e discos gravados ainda na década de 1950, também comprovam a participação de mulheres no canto das rodas de capoeira, especialmente no samba de roda.

Ainda sob a ótica da repressão, Soares (2002) aponta uma notícia que menciona o nome de mulheres que passavam a vida a brigar e a desafiar quem lhes desagradassem. Essas mulheres atendiam pelo nome de Isabel e Ana, as quais demonstravam-se eficazes na arte da capoeiragem. Ambas travavam lutas de capoeira nas ruas do Rio de Janeiro. Conforme as pesquisas de Barbosa (2005), existem sete nomes de capoeiristas que também ficaram famosas no século XX: Maria Homem, Júlia Fogareira, Maria Cachoeira, Maria Pernambucana, Maria pé no Mato, Odília e Palmeirona. A autora afirma que a documentação escrita relacionada a essas mulheres é escassa e geralmente se refere ao comportamento masculino adotado por elas. Também observamos as denominações pejorativas relacionadas a essas mulheres.

A partir das inúmeras cantigas de domínio público da capoeira, depreende-se o caráter proximal das mulheres ao ambiente em que comumente se ocorriam práticas de capoeiragem. Percebemos isso de fato quando essas cantigas se referem às Quitadeiras do Largo da Sé, no Rio de Janeiro, e às Baianas do Acarajé, das ruas de Salvador. Nesse sentido, compreendemos que a capoeira é um exemplo de prática cultural tradicional com um crescente número de adesão de mulheres, em que se torna possível promover aproximações epistemológicas entre gênero, cultura e educação (SILVA, 2017). Tais aproximações podem ser reveladas a partir do questionamento sobre quais desafios cingem a participação feminina na capoeira, especificamente na capoeira do século XXI.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo de gênero e a questão da mulher se constituem, paulatinamente, como uma área de conhecimento interdisciplinar, perpassando, naturalmente, o universo histórico e educacional. Baseado em informações contidas no estudo de Scott (1992), Rago (1997) e Del Priore (2013), resguardaremos em nossos discursos o termo “relações de gênero” como uma

organização social da diferença sexual. Empenhamo-nos numa busca pela compreensão crítica da história, enquanto lugar de produção de saber das relações de gênero e buscando evidenciar a diversidade de significados para as diferenças corporais e a função social da mulher na manifestação cultural da capoeira.

Para Scott (1992) o termo gênero esboça a procura da legitimidade acadêmica pelos estudos feministas nos anos 1980, uma expressão que inclui as mulheres sem necessariamente nomeá-las. Enquanto o termo História das Mulheres revela uma posição política em contrariar uma prática historiográfica habitual, o estudo do gênero através da história identifica como se constrói enquanto política e base das relações de poder.

Entretanto, ainda tem que se estudar as noções de identidades individual e coletiva, visto que não existe uma única identidade feminina, ou seja, é preciso que se analise as categorias de classe, raça e gênero para que se analise as desigualdades de poder em pesquisas sociais.

A produção de pesquisas relacionadas às desigualdades de gênero e raça na sociedade brasileira tem se apresentado de maneira crescente, mas ainda se mostra insipiente através de inúmeras reivindicações societárias. Importantes órgãos, tais como ONU mulheres, têm apoiado estudos nessa área que envolve gênero e sexismo com o intento do combate à erradicação da violência e da pobreza que acomete mulheres brasileiras. Resultados de pesquisas realizadas recentemente ratificam a necessidade de políticas públicas, respaldam a relevância de estudos em meios acadêmicos e a organização de movimentos sociais em defesa das mulheres.

O sexismo e o racismo são ideologias geradoras de violência e estão presentes no cotidiano de todos (as) os(as) brasileiros(as): nas relações familiares, profissionais, acadêmicas e nas instituições, o que permite afirmar serem dimensões que estimulam a atual estrutura desigual, ora simbólica, ora explícita, mas não menos perversa, da sociedade brasileira (Marcondes, 2013, p.9).

Portanto, o papel da ideologia sexista contemporânea dissemina e atribui a homens e mulheres seus papéis sociais. A exemplo de Marcondes (2013), utilizaremos nesse estudo a compreensão do termo sexismo, em meios às discussões das questões de gênero, discriminação e políticas de reparação das camadas populares prejudicadas socialmente. Nossa intenção é refletir sobre os processos de subalternização da mulher na sociedade e, possivelmente, nas relações que permeiam as relações de poder da capoeira.

2.1 As três ondas do movimento feminista

Conforme Bonnici (2007) a primeira onda feminista se originou a partir dos feitos históricos dos seguintes nomes: Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft. A primeira, dramaturga e contemporânea do período da revolução francesa no século XVIII, produziu a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã que argumentava que as mulheres deveriam participar da vida política, na formulação das leis e eleição de

representantes, pois também eram nascidas livres e assim deveriam ser em todos os setores. Já Mary Wollstonecraft, deixou um importante legado com a produção da obra *A vindication of Rights of Woman* de 1790, livro que combate o pensamento machista e sexista da sociedade parisiense da época, que legitimava a noção da inferioridade física e intelectual da mulher. Para Wollstonecraft deveria haver educação, igualdade entre os sexos e independência econômica para mulheres, algo essencial para o progresso da sociedade.

Conforme Alves; Pitanguy (1981) fazem parte dessa primeira fase do movimento feminista a luta das Sufragistas na Inglaterra e nos Estados Unidos da América- EUA, países em que o movimento feminista esteve ligado também à luta pela abolição da escravatura e a conquista de equidade de gênero em vários setores da sociedade, incluindo os direitos trabalhistas. Em 1848 ocorreu a primeira Convenção dos Direitos da Mulher nos EUA e somente 72 anos após essa data é que foi concedido tal direito. Na Inglaterra o marco inicial da luta pela legitimação do direito ao voto ocorreu em 1866, com a formação do Comitê para Sufrágio Feminino. De acordo com Bonnici (2007), somente em 1918 é que um seleto grupo de mulheres inglesas conquistou o direito ao voto e somente em 1928 foi manifestada na constituição o direito à igualdade. Nesse contexto de expansão da legitimidade do direito ao voto é que ocorre o início de um novo momento no movimento feminista: a segunda onda.

Esse novo momento, conforme Bonnici (2007), se inicia com a publicação, em 1949, do livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir. Esse livro traz reflexões relacionadas às lutas de operárias, expondo o fato de que elas trabalhavam o dobro, em situações hostis, e ainda recebiam 1/3 do salário masculino. A discussão de gênero na atualidade, que debate a construção do papel social da mulher, se inicia pela análise que a autora faz da biologia, economia e psicanálise, ciências que trataram historicamente o gênero feminino de forma secundária e marginalizada. Nesse sentido que os estudos de Jacques Derrida, na filosofia, e de Jacques Lacan, na psicanálise, são de grande importância para o desenvolvimento do feminismo nesse período.

Em 1963 Betty Friedman lança *A Mística Feminina*, livro que expõe a insatisfação de donas de casa norte-americanas diante do seu papel na sociedade, assim como a dominação masculina na hierarquia das relações de poder produzidas pelo capitalismo (FRIEDMAN, 1963). O feminismo norte-americano inicia um movimento libertário, em que se discute a aquisição do direito sobre o próprio corpo e vida. É nesse período que se inicia os debates sobre aborto e a pílula anti-concepcional é difundida mundo afora. Para Bonnici (2007), p.237, são temas dessa segunda fase: a crítica do movimento feminista aos meios de comunicação, que perpetuam o status quo objetificante feminino; produção e valorização de literatura, música, jornalismo, arte produzida por mulheres; inclusão das mulheres na educação formal e centros de pesquisas.

Indubitavelmente que, a partir das variantes geradas pelas diferenciações de posicionamentos políticos considerados polêmicos, se inicia a terceira onda do movimento feminista em que se despontam diferentes feminismos. Durante a Terceira Onda do Movimento Feminista, a discussão prossegue em

torno da concepção dos papéis sociais gerados pela distinção entre gêneros, não só aos sexos. Sendo assim, conforme Pedro (2005) é que, a partir da década de 1970, as teóricas feministas começaram a utilizar o termo gênero na abordagem das questões relacionadas às relações sociais entre os sexos. Conforme Rago (1997), p.588:

Nesse contexto, com a crescente incorporação das mulheres ao mercado de trabalho e à esfera pública em geral, o trabalho feminino fora do lar passou a ser amplamente discutido, ao lado de temas relacionados à sexualidade: adultério, virgindade, casamento e prostituição. Enquanto trabalho era representado pela metáfora do cabaré, o lar era valorizado como o ninho sagrado que abrigava a rainha do lar e o reizinho da família.

De acordo com Bonnici (2007) a década de 1990 é onde ocorre o apogeu das diferenças, em que houveram diversas produções em que as questões de classe e raça foram colocadas em evidência. Em contraste com um feminismo eminentemente composto por mulheres de cor branca e economicamente favorecidas. Dessa forma vieram à tona novos tópicos de discussão, emergidos de um feminismo marginalizado pela segunda onda, a exemplo da teoria *Queer* (BLUTLER, 2012), pós-colonialismo, pós-estruturalismo, raça e sexualidade.

2.2 Práticas culturais da sociedade cearense e empoderamento feminino

Segundo Del Priore (2013), em 1826 havia 47 mulheres a cada 100 habitantes, resultando num total de 28.245 mulheres livres e 11.699 escravas em terras alencarianas naquele período. A historiadora enfatiza a questão sexista que permeia a constituição sociohistórica e cultural do Ceará, para ela essa é uma característica notória dessa sociedade. Segundo a autora, há uma rígida imposição de funções e papéis sociais pautados pela diferenciação de gênero e classe social nesse estado, ocorrendo isso em todos setores, tais como trabalho, lazer, religião, política e família.

É comum encontrar em obras literárias a questão do lazer feminino na antiga sociedade cearense, sedimentada ao tripé composto pela renda, religião e passeios acompanhados em praças e teatros. Entretanto, essa visão parece ser permeada de um contexto ideológico sociocultural daquela época. A partir de Del Priore (2013), depreendemos o modelo de sociedade sexista cearense que ainda contava com uma quantidade considerável de escravas no seu território, ou seja, representando cerca de 50% do total de mulheres ainda no século XIX.

Esses dados nos levam a inferir dois fatos históricos: O primeiro é que práticas de cunho afro-brasileiro, tais como candomblé e capoeira, sempre se fizeram presentes nesse território composto pela metade da população declarada negra. Desse modo, as diferentes formas de lazeres podem não terem sido contempladas em sua totalidade nas obras literárias e históricas; O segundo fato é que, se naquele período, o contexto sexista da sociedade cearense se mostrava adverso às mulheres

consideradas livres, imaginamos que a formação da autoestima e possibilidades educacionais das mulheres negras em situação de escravidão até hoje refletem realidades sociais em situação de reparação histórica.

Contudo, durante o século XX, ocorreram processos de luta e constituição de movimentos feministas, especialmente na Europa, Inglaterra e EUA. Tais processos desencadearam conquistas no âmbito político, jurídico e social e, consequentemente, mudanças de comportamentos, posturas e atitudes. Porém, a questão do estereótipo, determinante do preconceito relacionado a funções e capacidades relacionadas ao gênero, fortemente arraigado desde a gênese do povoamento do território cearense, pode provocar ainda hoje constrangimento e situações de violência simbólica em determinados locais e agrupamentos sociais. No estado do Ceará, assim como em outros lugares, esse aspecto cultural foi denominado popularmente de “machismo” e vem sendo rechaçado, veemente, por várias mulheres, feministas ou não, no decorrer do processo histórico de transformação cultural.

3 METODOLOGIA

Esse estudo de campo qualitativo caracteriza-se pela natureza etnográfica e se insere no movimento feminino Tambores de Dandara, do Centro Cultural Capoeira Água de Beber- CECAB, através da promoção e registro de diálogos, ações e posicionamentos políticos. A temporalidade cuja imersão no campo se situa é compreendida do ano de 2012 a 2019. Pretendemos com esse estudo dar continuidade ao assunto abordado em Silva (2017), visto que o tema da equidade de gênero na capoeira cearense demonstrou ser passível de novas abordagens e reflexões.

Conforme Flick (2009) a etnografia é uma estratégia mais abrangente, na qual a observação e participação, pública ou secreta, no cotidiano do objeto de estudo ocorre por um período prolongado. A observando dos acontecimentos, a escuta e a coleta de qualquer dado que esteja disponível para esclarecer as questões com as quais se ocupa, faz com que se enfatize a busca da descoberta, ou seja, a exploração da natureza de um fenômeno social específico. De tal sorte que a coleta de dados não se inicia com um conjunto fechado de categorias analíticas e análise dos dados coletados assume essencialmente a forma de descrições e de explicações verbais. A etnografia como estratégia de pesquisa foi importada da antropologia par diversas áreas, tais como sociologia e educação.

3.1 Lócus do estudo

O Centro Cultural Capoeira Água de Beber – CECAB é liderado por Robério Batista Queiroz, popularmente conhecido por mestre Ratto e que iniciou na capoeira aos 9 anos de idade, ou seja, no ano de 1982. Nesse período, a prática da capoeira no estado do Ceará já estava consolidada pelos mestres protagonistas da década de 1970 e pela influência da capoeira de outros estados brasileiros, tais como Bahia, Brasília e Rio de Janeiro. Quem iniciou mestre Ratto na capoeira foi o irmão, Ricardo Batista Queiroz, que vivenciou aspectos da antiga capoeiragem da orla marítima de Fortaleza. Em meados da década

de 1980, havia duas grandes influências e matrizes da capoeira na cidade de Fortaleza, que eram a Senzala e a Terreiro. O mestre afirma que esses dois grandes polos de capoeira se destacavam no estado naquela época. Do grupo Terreiro Capoeira, rememora os nomes de Reginaldo, mestre Tabosa, Bulldog, Soldado e dos alunos do mestre Zé Renato, enfatizando que era uma capoeira bem ritualística e agradável. Já o Grupo Escola de Arte Senzala era liderado por Paulão Ceará e Canário, que treinavam no antigo Colégio Capital, situado na Avenida Duque de Caxias. Mestre Ratto optou por ingressar na escola de capoeira da Senzala, apresentando como motivos o espírito de renovação desse grupo, tanto pela renovação do abadá como pela sistematização de cordas, gingas e golpes. Posteriormente, desse grupo se originou o Grupo Abadá, em 1988, e o Grupo Capoeira Brasil, em 1989, período da promoção de megaeventos no estado do Ceará, a exemplo de um que contou com a presença de 12 famosos mestres de capoeira de outros estados, entre eles João Grande, Suassuna e mestre Boneco, que estava sempre na mídia naquela época. Mestre Ratto foi formado mestre em 2003, momento em que já tinha criado uma associação própria desde o ano de 2002, com registro de CNPJ para aquisições de patrocínios e para concorrer em editais governamentais. No segundo semestre de 2005, mestre Ratto Robério decide sair do Grupo Capoeira Brasil e se dedicar inteiramente à associação que criou e que atuava em escolas e na comunidade do Riacho Doce. Esse mestre realiza um trabalho de formação e qualificação dos professores de capoeira, organização de espetáculos, exposição, entre outros projetos de viés socioculturais e educacionais (SILVA, 2017).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A participação de mulheres no grupo estudado é constatada em ações de planejamento, execução dos projetos, assiduidade em aulas práticas, espetáculos e em outras atividades do grupo, desde a data de seu surgimento. Contudo, a partir do ano de 2012, iniciou-se no CECAB um evento exclusivamente com a temática feminina e que foi intitulado Tambores de Dandara. Este evento feminino se propôs refletir sobre questões relacionadas à importância da participação e valorização da mulher na capoeira e na sociedade de um modo geral. Conforme Queiroz (2018) no CECAB, atualmente, existem cinco células, ou seja, setores de atuação da capoeira no grupo. São eles: CECAB Ambiente, Grupo de Estudo e Pesquisa- GEP, SES, Programa Eu, Você, a Escola e a Capoeira- EVEC e Tambores de Dandara.

Geralmente as inscrições de eventos de capoeira não conseguem arcar com todos os custos, que envolve passagem, hospedagem, cachês, banners, alimentação, blusas, som, entre outras demandas. Portanto, foram empreendidas ações para aquisição de patrocínios e apoio governamental (QUEIROZ, 2015). As oficinas e debates realizados foram decididos coletivamente e, naquela primeira edição, envolveu a temática de conscientização sobre a necessidade de políticas de inclusão de mulheres na sociedade. Também houve preparação corporal, ritmos e dança afro-brasileira. Outro aspecto observado foi que o evento trouxe lideranças e convidadas mulheres. Conforme Dantas (2016), uma das idealizadoras desse movimento:

Tambores de Dandara não é um evento e sim esse movimento constante de estar pensando e realizando ações para divulgar o que é ser mulher nos dias de hoje, o quê que o movimento negro está trazendo de propostas e analisarmos isso enquanto capoeirista e mãe. O quê que a gente pode trazer dentro dos nossos estudos e das nossas ações que possam melhorar o dia a dia de outras mulheres, pessoas negras e populações que precisam saber ouvir e dizer um direito, ou mesmo uma música que acalente [...]. Planejar isso e atuar em comunidades e para isso entrar em contato com algumas coordenadorias da prefeitura, do governo, relacionadas à Igualdade Racial e às Políticas Públicas para Mulheres. É preciso outros parceiros fora da capoeira porque a gente ouve, aprende e entende melhor algumas posturas. E isso é importante para nós que somos um coletivo feminino! Não somos uma militância, pois não conhecemos os propósitos de uma militância, mas podemos fazer um papel social, político e cultural importante na vida das pessoas que a gente conseguir atingir.

Dessarte depreendemos que a participação de mulheres em várias atividades do grupo fundamenta o entendimento que esse coletivo é um movimento constante de empoderamento e valorização do gênero feminino na capoeira. Todavia esse estudo registra trajetória de eventos organizados pelas mulheres do CECAB com objetivo de perceber estratégias e identificações das mulheres capoeiristas com relação a essa temática. Portanto, no ano de 2013 também houve a organização do evento Tambores de Dandara, que ocorreu de 29 de novembro a 1 de dezembro, havendo uma pré-abertura no dia 28 com a realização de um bingo e roda de capoeira. Durante a programação houve um debate sobre políticas públicas para mulheres e oficinas de dança com a instrutora estagiária Dani, CECAB Fortaleza. Na ocasião teve frevo, roda de coco, malabares e oficinas de capoeira com a professora convidada Aline Longui, residente em São Paulo, e com a mestra Paulinha Zumba, do grupo Cordão de Ouro do Ceará.

O evento Tambores de Dandara do ano de 2013 foi encerrado com um piquenique integrado com o movimento Proparque Itaperaoba¹, atuante em questões relacionadas a aspectos sociais e ambientais desde 1995. No ano seguinte, o coletivo feminino do CECAB organizou uma ação no dia 07/03/2014, em homenagem ao dia das mulheres, através da apresentação teatral Gritaram-me Negra, de Victoria Santa Cruz. A apresentação retratou o aspecto da discriminação racial sofrida por mulheres negras desde a infância. Após aquela apresentação, que envolveu música, poesia e expressão corporal, foi suscitado um debate sobre essa poesia e sobre os impasses de ser mãe, mulher e conciliar trabalho, treino e outras responsabilidades. Houve a participação de uma repre-

1 Para mais informações sobre as atividades desse movimento, existe a seguinte página na internet: <http://movimentoproparque.blogspot.com/2007/06/>.

sentante da Coordenadoria de Políticas Públicas para Mulheres da Prefeitura Municipal de Fortaleza e vivências com roda de capoeira, tambores venezuelanos e samba de roda.

Os ensaios e as apresentações do espetáculo Gritaram-me Negra aproximam nossa análise da essência do feminismo negro. Discutir racismo e sexismo faz parte dos escritos de Davis (2016), cujos escritos nos levam a refletir sobre a história e o legado da escravatura sobre a mulher negra. Legado este expresso pela realidade de que a abolição da escravatura não proporcionou a mudança na exploração do trabalho e o tipo de trabalho que a mulher negra desempenha na sociedade. Destruir a colonização da mente significa a autodeterminação de pensamentos e comportamentos, reconhecendo o racismo que oprime e buscando a transformação da condição social e racial proporcionada pela exploração do capitalismo.

Por conseguinte, houveram iniciativas de beneficência na trajetória desse coletivo, a exemplo do Movimento Saúde Dandaras. Esse projeto foi desenvolvido em parceria com Virlênia Barros, capoeirista e médica ginecologista. Essa ação consistiu na realização de exames de prevenção para mulheres, geralmente relacionadas aos projetos desenvolvidos pelo CECAB, a preço de custo. Ainda no ano de 2014 foram feitas palestras relacionadas a esse movimento feminino no decorrer da programação de outro evento do grupo, o Tribos, Berimbaus e Tambores.

Além dos eventos e ações empreendidas por esse movimento, analisamos a movimentação de página na internet relacionada ao grupo Tambores de Dandara desde o ano de 2012, onde são noticiados assuntos relacionados a eventos de capoeira, indicação de livros para implementação da lei 10.639/2003, postagens de autoafirmação e cidadania. Prosseguindo com a narrativa, houve no decorrer do mês de julho do ano de 2015 a abertura do I Seminário Internacional do CECAB com uma programação elaborada pelo movimento Tambores de Dandara. Na ocasião foi proposto uma integração das células internas do grupo com a Rede de Desenvolvimento Econômico e Sustentável da Capoeira no Ceará, com mulheres de vários outros grupos de capoeira e com órgãos governamentais.

Durante esse encontro, observaram-se diversos depoimentos acerca das trajetórias de vida e experiências de mulheres capoeiristas. As falas relataram as dificuldades que as convidadas enfrentaram por ser mulheres, tanto nos processos de autoafirmação na sociedade como na capoeira. São discursos que trouxeram para reflexão coletiva histórias de superação, empoderamento perante as diversas formas de violência contra mulher ainda na atualidade. A realidade de enfrentamento ao sexismo na capoeira permeou a fala da totalidade das capoeiristas convidadas, havendo inclusive alguns momentos de comoção. Uma das convidadas contou sua própria história de vida, em que a motivação para desenvolver trabalho social para mulheres negras no estado do Ceará teria se originado a partir de um estupro sofrido. De certo que esse momento foi um momento liminar para compreensão da relevância dessa temática ainda nos tempos hodiernos.

Por conseguinte, a partir desse encontro ocorreu a formatação de uma proposta de integração entre mulheres capoeiristas de todo estado, que começou a articular-se por intermédio

de um grupo de *whatsapp* e que também vem promovendo encontros mensais com a temática da participação feminina na capoeira, independente de grupo ou graduação. Desse modo, podemos afirmar que a afinidade com a temática de gênero e empoderamento feminino na capoeira agrega interesse das capoeiristas na atualidade. Todavia, apesar de uma ação do Tambores de Dandara ter desencadeado um outro movimento feminino de capoeira na cidade, que se denominou Integração Feminina na Capoeira, apenas três integrantes do CECAB continuam a fazer parte do novo coletivo que se formou. Atualmente, o movimento de integração Feminina na Capoeira tem 106 participantes em grupo de *whatsapp*, conforme Motor (2019).

No ano seguinte, em 4 de março de 2016, também houve uma reunião interna do coletivo para debater sobre a atuação do Tambores de Dandara por ocasião do dia internacional da mulher e sobre a participação do CECAB no movimento de Integração Feminina de Capoeira do estado do Ceará. Naquele dia também foi feita uma aula prática por mulheres do grupo, visto que geralmente o mestre Ratto Robério ou os formandos é quem lidera os treinos durante a semana. Desse modo, inferimos que o ato de liderar esses momentos demonstra ser um ato significativo para afirmar o potencial de liderança feminina no grupo, o que nem sempre se mostra confortável e atrativo para algumas capoeiristas mais experientes. Entre a diversidade de opiniões, experiências e interesses na capoeira, foi feita uma roda de conversa em que foi perguntado para as mulheres presentes qual o significado que elas atribuíam ao movimento feminino interno do CECAB. Apresentou-se naquele momento um pensamento majoritário de que a mulher capoeirista não aceita nenhum tipo de atitude ou ação que ressalte a diferença de gênero de forma que ela se sinta inferiorizada. Isso pode ser ilustrado a partir da seguinte fala:

[...] Era uma segregação a roda feminina! O movimento feminino é para a gente trabalhar estratégias para que isso fique uma coisa mais natural. Porque a conscientização que a gente tem que fazer é nos homens, pois nós mulheres temos consciência de quais são as dificuldades que a gente tem... Se você contar quantas mestras de capoeira tem, você vai encontrar poucas! Então quem sempre está falando o que deve ser feito é um homem. Infelizmente a educação dos homens no Brasil é muito machista, então eles nem sabem que estão sendo machistas [.]. Como é que a gente vai fazer esse trabalho? Junto com todo mundo e não só a gente (DUARTE, 2016).

Por ocasião daquela coleta de dados também foi ressaltado as ressalvas de participação em movimentos femininos por outras capoeiristas presentes, que afirmou não se identificar completamente com a perspectiva de antigos movimentos com essa temática. As motivações para esse posicionamento advieram da percepção de que muitos daqueles momentos acabavam segregando e inferiorizando o jogo da mulher, ao invés de unir e educar. É comum as lembranças de que an-

tigamente havia um momento em que os mestres paravam a roda de capoeira e diziam: “*Agora só as mulheres!*”. Também é comum o repasse de lembranças que na roda de capoeira das mulheres, num período anterior, não haviam mulheres permissionadas a tocar o berimbau gunga, ou seja, o instrumento símbolo do poder de condução da roda e do jogo. De acordo com Dias (2014), primeira mestra de capoeira do estado do Ceará:

[...] com relação às mulheres, esse estudo tem um caráter de denúncia. Vamos falar de gênero né? Um caráter de denúncia! Porque houve discriminação [...] Sempre houve nessa primeira etapa toda aí, a mulher sempre foi discriminada, no sentido também de um capoeirista chegar mais rápido a graduações mais elevadas [...]. Então a questão da forma, a questão do mérito, não que a gente faça por mérito, mas você que está pesquisando deve saber que era difícil aparecer uma mestra. Hoje aparece, mas não aparecia não! [...]. Tudo foi uma luta, nesse sentido da mulher ter seu espaço, seu reconhecimento. A importância é isso, porque ela vem desvelando todo esse preconceito.

Devido às motivações apontadas acima e a relatividade das experiências vivenciadas em movimentos femininos na capoeira, compreendemos que o movimento Tambores de Dandara representa um esforço em reconfigurar a participação da mulher na roda de capoeira. Tal esforço advém da necessidade de desenvolvimento do espírito de liderança da mulher, aspecto preponderante na fala das capoeiristas mais experientes do grupo. Assim como é ressaltado também que essa liderança, ou empoderamento, é o caminho apontado como meio de resolver possíveis problemas relacionais e conseguir se autoafirmar nas rodas de capoeira.

É comum discursos de reconhecimento a atitudes de professores do grupo, sendo mais frequentemente direcionado ao mestre do grupo, que se dedicam ao incentivo e motivação às mulheres que apresentam dificuldades em conciliar seus afazeres cotidianos com a capoeira. A ideia de que encontros com essa temática possam acontecer de maneira mais espontânea e natural também foi apoiada, assim como o posicionamento de que o movimento Tambores de Dandara existe com o intuito de promover diálogos que possibilitem o desenvolvimento de todos no âmbito da capoeira, em especial a mulher capoeirista.

O desenvolvimento de aulas de musicalidade, em que mulheres vem aprendendo aspectos da condução da roda e se apropriando dos toques do berimbau e manuseios de todos instrumentos da roda é uma das ações que vem favorecendo o empoderamento da mulher capoeirista no grupo estudado.

Atualmente, é possível vislumbrar com mais frequência a condução de roda de capoeira por uma bateria composta por mulheres, a exemplo das situações vivenciadas no Seminário Internacional que ocorreu no ano de 2019. A participação em movimentos femininos políticos da cidade, tais como a Roda dos Pretos e das Pretas na Praça dos Leões e a representação de uma capoeirista do grupo que foi eleita vereadora de Fortaleza

em eventos do CECAB, são ocasiões em que se manifestam essa temática. Portanto, podemos concluir que o processo de formação política no movimento feminino Tambores de Dandara continua se apropriando dos elementos que compõem essa temática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de estruturação de um movimento feminino num grupo de capoeira advém de um esforço para superação de tabus entre as próprias mulheres, aumento da participação feminina através de um empoderamento que se mostra pela participação em situação de igualdade, ou seja, ministrando treinos, tocando instrumentos e participando ativamente das rodas. Portanto, compreendemos que o movimento feminino de capoeira no grupo estudado apresentou diversidade de opiniões quanto ao sentimento de pertença, constituindo espaço de diálogo interno que se mostra em permanente construção e expansão acerca dos seus ideais e propósitos. Percebemos, a partir da imersão em campo, os processos de constituição social que determina o papel do homem e da mulher dentro da sociedade e que reflete ainda hoje em práticas culturais.

A construção sociocultural dos papéis desempenhados por mulheres se encontra em constante processo de transformação, sendo relevante pensar a distribuição de poder nos diferentes setores dentro da sociedade. A noção de empoderamento sociocultural e educacional de mulheres emerge de diferentes setores da sociedade e a capoeira apresenta um potencial de discutir a questão de gênero em suas dimensões socioculturais e por ser uma prática com elementos de matriz africana e afro-brasileira pode estender também suas reflexões às questões que permeiam o feminismo negro. Faz-se relevante refletir sobre as problematizações que emanam em situações que as mulheres se sentem prejudicadas e desvalorizadas diante do homem na roda de capoeira, nesse sentido que a noção de empoderamento significa também uma luta por direitos e de valorização nesse espaço de aprendizado e convívio social.

Percebemos que a experiência das capoeiristas mais antigas, que conviveram nas rodas de capoeira da cidade de Fortaleza desde a década de 1970 atestam o machismo e preconceito estrutural que permeiam a cultura ocidental até mesmo nas manifestações tradicionais mais sutis. Dessa forma compreendemos que a presença e atuação da mulher na capoeira representa um mecanismo de combate ao processo de inferiorização histórico cultural que inculca baixa-estima e procura desarticular os múltiplos potenciais de desenvolvimento da mulher na sociedade. Para continuidade desse estudo seria interessante pesquisar com mais acuidade o movimento feminino que se originou do Tambores de Dandara, assim como movimentos femininos de capoeira de outras localidades do Brasil. Por fim, podemos ressaltar que a ênfase num estudo sobre a protagonização de um movimento feminino de capoeira na cidade de Fortaleza também destacou as bases para um empoderamento político, além do empoderamento sociocultural e educacional, essencial para se reverter elementos contrários aos conceitos de equidade, paz, solidariedade, cidadania, inclusão, entre outros valores educacionais.

6 REFERÊNCIAS

- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. O que é feminismo. São Paulo: Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1982.
- BAQUEIRO, R.V.A. Empoderamento: Instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual. Revista Debates, v. 6, n.1 p. 173-187, 2012.
- BEAUVOIR, Simone de. – O segundo Sexo: a experiência vivida – volume2, / Tradução Sérgio Milliet - 3. ed. – Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. O segundo Sexo: Fatos e mitos – volume1, Tradução Sérgio Milliet - 3. ed. – Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016.
- BONICCI, Thomas. Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão
- RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, M. (Org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997. p. 578-606.
- SACCHET, Teresa. Capital social, gênero e representação política no Brasil. In: SCIELO. Opinião Pública, vol.15, no.2. Campinas, nov. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-62762009000200002>
- SILVA, V. da; LONDERO, J.C. A Marcha das Margaridas – política de gênero em busca da eficácia dos direitos e garantias fundamentais das trabalhadoras rurais. In: XII Seminário Nacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea. UNISC: Santa Cruz do Sul, 2015.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma característica útil para análise histórica. 1990. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/6393/mod_resource/content/1/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em 24 de novembro de 2018.
- identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- O enigma da identidade. In: Revista de estudos COULANGES, Fustel de. A Cidade Antiga. São Paulo: Editora das Américas S.A. -Edameris, 1961.
- DANTAS, A. Entrevista concedida à Sammia Castro Silva sobre o coletivo Tambores de Dandara. Fortaleza, 22 de abril de 2016.
- DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Boitempo Editorial, 2016.
- DIAS, L.V.R. (mestra Vanda). Entrevista concedida a Sammia Castro Silva sobre a relevância do estudo sobre mulheres capoeiristas do estado do Ceará. Fortaleza- Ce, em 20 de fevereiro de 2014.
- DEL PRIORE, M. História das mulheres no Brasil. 10 ed., São Paulo: Contexto, 2013.
- FERNANDES, T. D. S. et al. Dimensões do empoderamento feminino: autonomia ou dependência? Revista Alcance, Itajaí, v. 23, n. 3, jul. - set. 2016. Disponível em: www.redalyc.org/articulo.oa?id=477749667008. Acesso em: 20 jul 2019.
- FERRARI, Rosana. O Empoderamento da Mulher. Disponível em: <http://www.fap.sc.gov.br/noticias/empoderamento.pdf> Acesso em: 9 de agosto, 2019.
- FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Tradução: Joice Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- HEFFEL, Carla Kristiane Michel; SILVA, Vinicius da Silva; LONDERO, Josirene Candido. A construção da autonomia feminina: empoderamento pelo capital social. Anais do XII Colóquio Nacional de Representações de Gênero. Campina Grande-PB, 2016.
- MARINHO, P. A. S.; GONÇALVES, H. S. Práticas de em-

poderamento feminino na América Latina. Universidad de los Andes: Revista de Estudios Sociales. n. 56, abr. – jun. 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/revestud-soc/9863> . Acesso em 03 mar 2019.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria de gênero na pesquisa histórica. História, São Paulo, v.24, N.1, p.77-98, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf> Acesso em 19 de Set. de 2013.

feministas. 13(1): 216, 2005. p. 11-30. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a02v13n1.pdf> Acesso em 21 de dezembro de 2017.